





As reputações



ALFAGUARA



Juan Gabriel Vásquez

As reputações

Tradução de
VASCO GATO

ALFAGUARA



AS REPUTAÇÕES

Título original: *Las reputaciones*

© Juan Gabriel Vásquez, 2013

© 2013, Distribuidora y Editora Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, S. A.
Colômbia

Publicado por acordo com Casanovas & Lynch Agencia Literaria S.L.

© desta edição:

2015, Penguin Random House

Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Avenida Duque de Loulé 123

Edif. Office 123 – Sala 2.5

1069-152 Lisboa

correo@penguinrandomhouse.com

Tradução: Vasco Gato

Revisão: Ana Leonor Branco

Paginação: Segundo Capítulo

Capa: Teresa Coelho

Imagem da capa © Michael Shumate

Fotografia do autor © Nina Subin

1.ª Edição: Setembro 2015

ISBN: 978-989-8775-74-0

Depósito legal: 397198/15

Impressão e Acabamento:

Printer Portuguesa

Distribuição:

VASP

Tel.: 214 337 000

geral@vasp.pt

Alfaguara é uma chancela de:

Penguin

Random House

Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte,
por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico
ou por meio de gravação, nem ser introduzido
numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado
para uso público ou privado, além do uso legal
como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia
autorização por escrito do editor.

Para Justin Webster e Assumpta Ayuso



Pelo que narizes iguais não fazem homens iguais.

RODOLPHE TÖPFFER, *Essai de Physiognomonie*



I.



Sentado em frente do Parque Santander, consentindo que lhe engraxassem os sapatos enquanto aguardava a hora da homenagem, Mallarino teve de repente a certeza de avistar um caricaturista que já morrera. Tinha o pé esquerdo em cima da pegada de madeira do caixote e a cintura apoiada na almofada do encosto, para que a sua velha hérnia não desse início às reclamações, e deixara fugir o tempo enquanto lia os tablóides locais, cujo papel barato lhe sujava os dedos e cujos títulos em grandes letras vermelhas lhe falavam de crimes sangrentos, segredos sexuais, extraterrestres que raptam crianças nos bairros do sul. A leitura da imprensa sensacionalista era uma espécie de prazer proibido: algo que só nos permitimos quando ninguém está a olhar. Mallarino pensava nisso mesmo — nas horas que lhe tinham fugido enquanto se entregava a esta perversão sob os guarda-sóis de cores tímidas — quando levantou a cabeça, arredando o olhar das letras como fazemos para recordar melhor, e ao deparar-se com os altos edifícios, com o céu sempre cinzento e as árvores que rasgam o asfalto desde o começo dos tempos, sentiu que estava a ver tudo pela primeira vez. E foi então que aconteceu.

Bastou uma fracção de segundo: a figura atravessou a Carrera Séptima com o seu fato escuro, o laço desalinhado e o chapéu de aba larga, para dobrar de imediato a esquina da Igreja de São Francisco e desaparecer para sempre. Com o intuito de não a perder de vista, Mallarino

inclinou-se para a frente e desceu o pé do caixote no exacto momento em que o engraxador aproximava o pano besuntado do couro do sapato, e na sua meia ficou uma mancha oblonga de graxa: um olho preto que o fitava lá de baixo e o acusava, tal como os olhos semicerrados do homem. Mallarino, que até agora só vira o engraxador de cima — os ombros do fato-macaco azul constelados de caspa fresca, o cocuruto aclarado por uma calvície agressiva —, deparou então com o nariz pejado de veias, as orelhas pequenas e proeminentes, o bigode branco e cinzento como a caca dos pombos.

— Peço desculpa — disse-lhe Mallarino —, pareceu-me ter visto uma pessoa. — O homem retomou o seu trabalho, as fricções certeiras com que a sua mão lambuzava a gáspea. — Ouça lá — acrescentou Mallarino —, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Diga, chefe.

— Já ouviu falar de Ricardo Rendón?

Chegou-lhe um silêncio vindo de baixo: uma, duas palpitações.

— Não me diz nada, chefe — respondeu o homem. — Se quiser podemos perguntar depois aos meus colegas.

Os colegas. Dois ou três deles começavam já a empacotar as suas coisas. Fechavam cadeiras, dobravam panos, metiam escovas de cerdas despenteadas e latas de graxa amolgadas nos seus caixotes de madeira, e o ar, por baixo do clamor do trânsito vespertino, enchia-se com o tilintar das chapas que se ajustavam e das tampas de alumínio que se fechavam com firmeza. Eram dez para as cinco da tarde: quando é que os engraxadores da baixa tinham começado a ter horários fixos? Mallarino desenhara-os mais de uma vez, sobretudo nos primeiros tempos, quando vir à baixa dar uma volta a pé e engraxar os sapatos era uma

forma de tomar o pulso à cidade eléctrica, de se sentir testemunha directa dos seus próprios materiais de trabalho. Tudo isso mudara: mudara Mallarino; mudaram os engraxadores. Ele já quase nunca vinha à cidade e habituara-se a olhar o mundo através dos ecrãs e das páginas, a deixar que a vida viesse até si em vez de a perseguir nos seus esconderijos, como se achasse que os seus méritos lhe permitiam tal coisa e que agora, passados tantos anos, era a vida quem deveria procurá-lo. Quanto aos engraxadores, já não se faziam donos do seu local de trabalho — aqueles dois metros quadrados de espaço público — em virtude de um pacto de honra, mas pela pertença a um sindicato: o pagamento de uma quota mensal, a posse de um cartão bem plastificado que mostravam à menor provocação. Sim, a cidade era outra. Contudo, não era nostalgia aquilo que embargava Mallarino quando constatava as mudanças, mas um curioso afã por sustentar a marcha do caos, como se com isso pudesse também sustentar a sua própria entropia interior, a lenta oxidação dos seus órgãos, a erosão da sua memória reflectida na memória erodida da cidade: no facto, por exemplo, de já ninguém saber quem era Ricardo Rendón, que acabava de passar por ali a pé apesar de ter morrido setenta e nove anos antes. O maior caricaturista político da história colombiana tinha sido devorado, como tantas outras figuras, pela fome sem fundo do esquecimento. *Também de mim se esquecerão um dia*, pensou Mallarino. Enquanto descia um pé do caixote e subia o outro, e enquanto sacudia o jornal para que uma página amarfanhada regressasse à posição devida (uma destra chicotada com os pulsos), Mallarino pensou: *Sim, esquecer-me-ão também a mim*. Pensou: *Mas ainda falta muito para isso*. Nesse momento ouviu-se a dizer:

— E Javier Mallarino?

O engraxador demorou um instante a dar-se conta de que a pergunta era para si.

— Chefe?

— Javier Mallarino. Sabe quem é?

— O que faz os bonecos no jornal, sim — disse o homem. — Mas esse tipo já não vem cá. Fartou-se de Bogotá, foi a explicação que me deram. Vive fora há algum tempo, na montanha.

De maneira que aquele ainda se lembrava. Não era motivo para surpresas: a sua mudança no início da década de oitenta, quando o tempo do terrorismo ainda não rebentara e as pessoas não dispunham de tantas razões para se irem embora, fora notícia nacional. Esperando que o engraxador dissesse mais qualquer coisa, uma pergunta ou uma exclamação, Mallarino ficou a olhar-lhe para a pele do cocuruto, esse território devastado com um ou outro cabelo a irromper aqui e ali, e com manchas que denunciavam as horas passadas ao sol: potenciais parcelas cancerosas, o lugar por onde começava a extinguir-se uma vida. Porém, o homem não disse mais nada. Não o reconheceu. Daí por minutos, Mallarino receberia a consagração definitiva, o orgasmo correspondente a um longo coito de quarenta anos com o seu ofício, e fá-lo-ia sem deixar de se surpreender por não o reconhecerem. As suas caricaturas políticas tinham-no transformado no que Rendón era no início da década de trinta: uma autoridade moral para metade do país, o inimigo público número um para a outra metade, e para todos um homem capaz de levar à revogação de uma lei, alterar o erro de um magistrado, derrubar um presidente de câmara ou ameaçar seriamente a estabilidade de um ministério, e isto tendo apenas por armas o papel e a tinta-da-china. E, no entanto, na rua não era ninguém, *podia continuar a ser*

ninguém, pois as caricaturas, ao contrário das colunas de hoje, nunca traziam a fotografia do responsável: para os leitores da rua era como se acontecessem sozinhas, livres de toda a autoria, como um aguaceiro, como um acidente.

Aquele que faz os bonecos. Sim, Mallarino era esse.

O boneco-maniaco: assim o chamara certa vez, na secção de cartas dos leitores, um político que sentira o seu amor-próprio ferido. Os olhos de Mallarino, sempre cansados, fixavam-se agora nos habitantes da baixa: o cauteleiro que descansava no muro de pedra, o estudante que procurava uma camioneta dirigindo-se para norte e olhando por cima do ombro, o casal parado no meio do passeio, homem e mulher, ambos empregados de escritório, os dois vestidos de azul-escuro e camisa branca, agarrando-se com ambas as mãos embora sem se olharem. Todos eles reagiriam à menção do seu nome — com admiração ou repulsa, jamais com indiferença —, mas nenhum deles seria capaz de identificar o seu rosto. Se cometesse um crime, ninguém conseguiria apontá-lo numa fila de suspeitos do costume: sim, tenho a certeza, é o número cinco, o barbudo, o magro, o careca. Mallarino, para eles, não possuía características específicas, e os poucos leitores que o tinham conhecido ao longo dos anos costumavam tecer comentários de estranheza: não o imaginava careca, nem magro, nem barbudo. A sua calvície era daquelas que não chamam a atenção; quando voltava a cruzar-se com alguém que só vira uma vez, Mallarino recebia com frequência os mesmos comentários de desconcerto: «O senhor sempre foi assim?», ou ainda: «Que estranho. Não reparei quando nos conhecemos.» Talvez fosse a sua expressão, que devorava a atenção das pessoas como um buraco negro devora a luz: os seus olhos de pálpebras caídas que surgiam por detrás dos óculos com uma espécie de tristeza permanente, ou a barba que lhe escondia a cara como o lenço

de um foragido. A barba fora negra em tempos; continuava agora a ser abundante, mas acinzentara-se: ligeiramente mais no queixo e por baixo das patilhas, ligeiramente menos nos lados da cara. Não tinha importância: continuava a escondê-lo. E Mallarino mantinha-se irreconhecível, um ser anónimo nas ruas populosas. O anonimato proporcionava-lhe um prazer pueril (uma criança a esconder-se em divisões proibidas), e tranquilizava Magdalena, sua mulher em tempos já longínquos. «Neste país matam-se pessoas por menos», dizia-lhe ela quando um militar ou um narcotraficante saía malvisto das suas imagens. «É melhor ninguém saber quem és, como és. É melhor poderes ir comprar leite e eu não ficar preocupada se demorares.»